

## Repercussões da violência em *Biografía de un cimarrón*

Carla Damas Silva<sup>1</sup>

Cintia Camargo Vianna<sup>2</sup>

**Resumo:** *Biografía de un cimarrón* é um relato testemunhal de Esteban Montejo, um dos últimos *cimarrones*, um ex escravo que passou grande parte de sua vida escondido nas montanhas da província de Las Villas, em Cuba. O texto em questão foi colhido e transcrito por Miguel Barnet, que organizou, editou e estabeleceu uma ordem cronológica à narração oral, mas tendo o cuidado, segundo ele, em preservar as especificidades linguísticas do narrador. O relato, organizado em blocos das diferentes fases da vida de Esteban, é marcado pela violência e narra a vida árdua e sofrida do protagonista como escravo e os castigos torturantes que sofreu, bem como os costumes e cerimônias comuns entre os escravos, sua posterior fuga para as montanhas, os anos vividos no completo isolamento e a participação do narrador na Guerra de Independência Cubana. Partindo dessa obra, o objetivo desse trabalho foi investigar as consequências, os efeitos da presença da violência na construção da identidade do protagonista e como o encontro com o traumático influencia em suas atitudes no decorrer de sua vida.

**Palavras-chave:** *Cimarrón*, violência, testemunho, memória, identidade.

**Abstract:** *Biografía de un cimarrón* is an eyewitness account of Esteban Montejo, one of the last *cimarrones*, a former slave who spent much of his life hidden in the mountains of the province of Las Villas, Cuba. The text in question was collected and transcribed by Miguel Barnet, who organized, edited, and set to a chronological storytelling, but being careful, he said, to preserve the specific language of the narrator. The report, organized in blocks of different life stages of Esteban, is marked by violence and chronicles the arduous and painful life of the protagonist as a slave and torturous punishments they suffered, as well as the customs and ceremonies common among slaves, his subsequent escape the mountains, the years lived in complete isolation and the narrator's participation in the Cuban War of Independence. Based on this work, the aim of this study was to investigate the consequences, the effects of the presence of violence in the construction of identity and how the protagonist's encounter with the traumatic influences his attitudes throughout his life.

**Keywords:** *Cimarrón*, violence, witness, memory, identity.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Letras. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Av. João Naves de Ávila, nº2121, B. Santa Mônica, Uberlândia, MG. E-mail: [carla\\_damas001@yahoo.com.br](mailto:carla_damas001@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora orientadora. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística Av. João Naves de Ávila, nº2121, B. Santa Mônica, Uberlândia, MG. E-mail: [cintia.vianna@bol.com.br](mailto:cintia.vianna@bol.com.br).

## Introdução

Neste trabalho, propomos a investigação da representação do sujeito negro presente em *Biografía de un cimarrón* (1977), que é determinada pelo contexto da violência, e as consequências, os efeitos da presença da violência na construção da identidade do protagonista e como o encontro com o traumático influencia nas atitudes deste no decorrer de sua vida.

Desse modo também buscamos verificar as consequências que esse elemento trouxe para a construção da identidade do protagonista e, por conseguinte, como esse relato de caráter único e peculiar no gênero permite o compartilhamento das dores, do trauma sofrido pelo narrador.

A obra *cimarrón*, nos interessou tanto por seu caráter testemunhal quanto pela representação do negro que traz, visto que permite a visualização da catástrofe da escravidão a partir do ponto de vista do sobrevivente, que narra o fato histórico a partir da perspectiva de sua experiência primeiramente como escravo, depois como fugitivo, ainda como liberto, depois da abolição da escravidão em Cuba e a participação na Guerra de Independência cubana (1895-1898).

A primeira edição do livro, lançada em 1966, recebeu o nome de *Biografía de un cimarrón*, no entanto, as edições mais recentes podem ser encontradas com o nome de: *Cimarrón: historia de un esclavo*. O livro, a partir do ponto de vista de Esteban Montejo, apresenta uma cuidadosa recopilação da vida dos escravos, de seus trabalhos, costumes e da violência e discriminação que sofreram em uma Cuba colonial que lutava pela independência. E embora o protagonista seja Esteban, a história de certa forma não representa somente a ele, mas também de uma maneira geral, a todo seu povo.

Esse relato, colhido e transcrito por Barnet, foi organizado por ele de maneira cronológica em três grandes blocos que por sua vez apresentam subseções. Essas divisões representam diferentes etapas da vida do protagonista.

O primeiro bloco trata da escravidão, dentro dele temos as subdivisões da vida nos barracões, que mostra a dificuldade da vida na escravidão, a crueldade com que os escravos eram tratados e castigados, mas também os costumes de origem africana que eles se esforçavam para preservar; e a vida nas montanhas, que trata da fuga do protagonista, a solidão e as dificuldades que passou para sobreviver isolado por anos nesse lugar.

O segundo mostra a vida pós-abolição da escravidão em Cuba e as dificuldades pelas quais passaram os ex-escravos para conseguirem trabalhos, bem como o início da organização da comunidade negra, agora liberta.

O último bloco aborda a Guerra da Independência de Cuba e a participação de Esteban nesta, suas experiências e os horrores mais uma vez sentidos e presenciados.

Através da análise do livro poderemos traçar o perfil do sujeito aí retratado e observar como as experiências traumáticas da escravidão, do isolamento e da guerra influenciaram sua vida, ou seja, os efeitos, as consequências da presença desses diferentes tipos de violência na construção de sua identidade.

Desse modo, este artigo está organizado em três seções, na primeira serão tratados aspectos relativos à violência e ao gênero testemunho, na segunda abordaremos a questão da violência e as implicações desta na identidade do sujeito. Na última seção apresentaremos as considerações finais.

## **1. Violência e testemunho**

É impossível problematizar presença de violência no relato *Cimarrón* sem antes falar um pouco, ainda que de forma breve, do gênero no qual esse texto se enquadra, o *testemunho*, isso porque o testemunho é um gênero estritamente marcado, relacionado, com a representação do trauma, com a experiência do encontro com a violência e que carrega, por conseguinte, geralmente uma forte carga emocional, mas que também é alvo de muita divergência de opiniões (visto que há os autores que o consideram um gênero e aqueles que não o identificam com tal) e problematização na contemporaneidade.

Partimos da premissa que o testemunho é sim um gênero. Mas para justificar esse ponto de vista faz-se necessário pensar no testemunho não como um gênero de forma fixa, tanto devido à heterogeneidade que marca as diversas produções narrativas contemporâneas, em que se mesclam diferentes linguagens e culturas não permite que um texto seja considerado exclusivamente pertencente a determinado gênero ou campo, quanto devido à natureza do testemunho, texto no qual convergem real e ficção.

Além disso, há o fator da interdisciplinariedade, uma vez que, para a investigação do testemunho, convergem diferentes áreas de estudo, como a história, a antropologia, a sociologia ou a etnografia, como no caso de *Cimarrón*, já que no testemunho encontramos o:

(...) entrecruzamiento de narrativa e historia, la alianza de ficción y realidad, la voluntad, en fin, de canalizar una denuncia, dar a conocer o mantener viva la memoria de hechos significativos, protagonizados en general por actores sociales pertenecientes a sectores subalternos<sup>3</sup> (MORAÑA, 1997, p. 488).

A nosso ver, é justamente esse entrelaçamento que provoca divergências e dificuldades na definição desse gênero, e, além disso, diversos autores procuram ressaltar um determinado ponto deste, muitas vezes, de diferentes perspectivas. Isso inviabiliza que se ofereça ao testemunho uma conceituação definitiva, estanque e concreta, uma vez que esse gênero, nesse sentido, é indelimitável.

É por isso que adotamos a formulação de Seligmann-Silva (2005, p.125), que fala em *literatura de testimonio*, que seria “a reflexão sobre a *função testemunhal da literatura* para uma conceitualização de um novo gênero literário”. Ele utiliza também a expressão *teor testemunhal*, pois, em seu dizer, principalmente depois do século XX, todo documento possui um teor de testemunho, mesmo não sendo pragmaticamente composto como tal. O autor admite que mesmo às obras compostas com o objetivo de narrar uma experiência traumática não poderiam ser classificadas nos moldes rigorosos de gênero com os quais estamos acostumados.

O testemunho, dessa forma, deve ser visto como um elemento da literatura que aparece de modo mais claro em certas manifestações literárias que em outras. Assim quando Seligmann-Silva (2003) aborda a *literatura de testemunho* como gênero, ele a trata como forma de expressão que abrange uma enorme quantidade de manifestações literárias na América Latina que, desse modo, inviabilizam a classificação do *elemento* testemunho como um gênero estanque.

Nesse sentido, então, o testemunho seria, sim, um gênero, mas um tipo de gênero para o qual não existe forma concreta e delimitável, seria um gênero que não só dialoga como se utiliza de outros, da estrutura de outros, como a biografia, como no caso do livro objeto de pesquisa de nosso trabalho, para se legitimar.

Seria um gênero de características difusas, cuja identificação não pode ocorrer apenas da observação de características modelares baseadas em marcas linguísticas, textuais e/ou narrativas que permitiriam o reconhecimento dos gêneros canônicos com os quais estamos

---

<sup>3</sup> (...) entrelaçamento da narrativa e da história, a aliança de ficção e realidade, será, em suma, para canalizar uma queixa, divulgar ou manter viva a memória de eventos importantes, com os atores sociais em geral pertencentes ao subalterno.

acostumados, mas que, ao mesmo tempo, pode ser identificado pelos elementos específicos que remetem à emoção embutidos justamente por essas marcas no texto, no discurso, tais quais a angústia, a necessidade de falar, contar a dor.

No gênero destaca-se a forte carga emotiva que permeia a narrativa. Como afirma Appelfeld (1988, p. 84 apud SELIGMANN-SILVA 2003, p.20),

(...) Essa escrita deve ser lida com precaução, de modo que se veja apenas o que aí se encontra, mas também, e essencialmente, o que está faltando. O testemunho do sobrevivente é, antes de mais nada, a busca de um alívio; e como ocorre com qualquer carga, aquele que a porta quer se livrar dela o quanto antes.

Esse caráter de desabafo pode ser observado em diversas passagens de *Biografía de un cimarrón*, em que percebemos essa necessidade do protagonista de compartilhar a experiência vivida, como neste trecho:

(...) Luego me viene a la mente la visión de otro ingenio; el Flor de Sagua. Yo no sé si ése fue el lugar donde trabajé por primera vez. De lo que sí estoy seguro es que de allí me hui una vez (...) Pero me cogieron mansito, y me dieron una de grillos que si me pongo a pensar bien los vuelvo a sentir. Me los amarraron fuerte y me pusieron a trabajar, con ellos y todo. *Uno dice eso ahora y la gente no lo cree. Pero yo lo sentí y lo tengo que decir* (grifo meu)<sup>4</sup> (BARNET, Miguel, 2009, p.12-13).

Essa narração da experiência é apontada por Sarlo (2007, p.10) com estritamente importante para o sujeito que passou por uma experiência traumática. Para a autora, o retorno do passado é inevitável e para vir à tona independe da razão, uma vez que “propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança (...) acomete mesmo quando não é convocada (...) insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável”. É por isso que, de certo modo Esteban, o narrador do relato, não consegue se livrar das lembranças das experiências vividas: “A mí nunca se me ha olvidado la primera vez que intenté huirme (...)”<sup>5</sup> (BARNET, 1977, p.28).

A força com que as lembranças retornam representa também, em certa medida, a força, o impacto da violência sofrida e o modo com que essa se torna reminiscência recorrente.

Para Penna (2003, p. 346), a função primordial do testemunho seria a representação da

---

<sup>4</sup> (...) Logo me vem à mente a visão de outro engenho; o Flor de Sagua. Não sei se foi esse o lugar onde trabalhei pela primeira vez. Só o que tenho certeza é que daí tentei fugir uma vez (...) mas me pegaram e me colocaram grilhões, que, se me ponho a pensar os volto a sentir. Me amarraram forte e me puseram a trabalhar com eles e tudo. *A gente diz isso agora e as pessoas não acreditam. Mas eu senti e tenho que dizer* (grifo meu).

<sup>5</sup> Nunca me esqueci da vez que tentei fugir (...).

experiência traumática:

Preferimos ficar com a hipótese de que o testemunho fala e narra o nosso encontro com o Real do trauma, assim como concebido por Lacan, o encontro com estas experiências do corpo que sofre com a fome, com algo que resiste à simbolização da narrativa, e que apesar de tudo, apesar dela própria, a narrativa revela (PENNA, 2003, p. 346).

Dessa forma, uma vez que o trauma está irremediavelmente ligado à violência, e que o testemunho teria a função de representar esse trauma, podemos dizer que os textos testemunhais são também marcados pela escritura da violência. É por isso a conceituação do gênero testemunho é importante para nossa pesquisa.

Na concepção de Hanna Arendt (1994), a questão da violência está intimamente ligada à noção de poder, de dominação do homem pelo homem. Neste sentido, ela pode assumir diferentes acepções de acordo com a relação social existente em cada ambiente, e é caracterizada não apenas pelo uso real da força, mas também pela ação coercitiva que impede o reconhecimento do outro.

No caso do livro *Cimarrón*, está inserida, de maneira mais palpável a violência corporal que o protagonista sofreu durante o período em que foi escravizado, e que perdurou de forma psicológica para além da experiência da reclusão nas montanhas. A violência não só sofrida por ele, como também presenciada no período de escravidão e durante a guerra impregnaram-se na memória do narrador, de modo que, reviver pela linguagem estas experiências, em diversos trechos do livro, causa no relator (e também no leitor que toma conhecimento dos acontecimentos) um sentimento de angústia,

Yo vide muchos horrores de castigos en la esclavitud. Por eso es que no me gustaba esa vida<sup>6</sup> (BARNET, 1977, p.25).

Cuando la matanza terminó nosotros veíamos las cabecitas de los españoles por tongas, en las cercas de piña. Pocas cosas he visto yo más impresionantes<sup>7</sup> (ídem, p.100).

Oye Esteban, tú no vayas a decir nada, pero acompáñame a enterrar a Cañón'. Cañón era un muchachito valiente del grupo. Me quedé frío cuando oí aquello. A lo único que atiné fue a preguntarle: 'Pero cómo,

---

<sup>6</sup> Eu vi muitos horrores de castigos na escravidão. É por isso que eu não gostava dessa vida.

<sup>7</sup> Quando a matança terminou víamos as cabeças dos espanhóis aos montes, nas cercas de abacaxi. Eu vi poucas coisas mais impressionantes.

Cañón está muerto?’ (...) Me encontré a Cañón ahorcado (...) Me parecía mentira todo<sup>8</sup> (ídem, p.105).

(...) Nunca pensé que la guerra se podría terminar. Me pasaba igual que en el monte, cuando la abolición. Esas cosas no eran fáciles de creer<sup>9</sup> (ídem, p.119).

Percebemos no livro que a violência sofrida por Esteban, reflete-se não apenas como trauma indissociável da memória, mas também como elemento influenciador na construção da identidade. Isso porque, é justamente o desejo de livrar-se da violência sofrida que o deixou traumatizado, escravizado pelo medo, que impulsiona o desejo do protagonista de fugir para as montanhas, de não se conformar com a identidade de escravo constantemente violado,

A mí nunca se me ha olvidado la primera vez que intenté huirme. Esa vez me falló y estuve unos cuantos años esclavizado por temor que me volvieran a poner los grillos. Pero yo tenía un espíritu de cimarrón arriba de mí, que no se alejaba<sup>10</sup>. (BARNET, 1977, p.28)

Uma vez que “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69), o testemunho representaria, então, assim como a fuga para as montanhas representava naquele momento para Esteban, a oportunidade de renascimento.

Maldonado e Cardoso (2009) apontam para o testemunho como uma forma de expressar aquilo que é indizível, intransmissível, mas necessário, o trauma. Narrar o trauma seria então, ao mesmo tempo que um alívio, um processo doloroso, uma vez que narrar o indizível é, em certa medida, revivê-lo.

Essas e outras questões são de fundamental importância para entendermos como se deu a construção da identidade do protagonista. É preciso considerar que a vivência do trauma, a narração da experiência, que é o que ocorre em um testemunho, a rememoração do passado e

---

<sup>8</sup> ‘Ei Esteban, não diga nada, mas venha comigo para enterrar Cañón’. Cañón era um menino corajoso do grupo. Fiquei gelado quando eu ouvi aquilo. A única coisa que consegui foi perguntar: 'Mas como, Cañón está morto?' (...) Eu encontrei Cañón enforcado (...) Tudo parecia mentira.

<sup>9</sup> (...) Nunca pensei que a guerra podia acabar. Era a mesma situação que na montanha, quando ocorreu a abolição. Essas coisas não eram fáceis de acreditar.

<sup>10</sup> Nunca esqueci a primeira vez que tentei fugir. Nessa vez que falhei estive muitos anos escravizado pelo temor que voltassem a me colocar os grilhões. Mas eu tinha um espírito de escravo fugitivo acima de mim que não se afastava.

a questão do compartilhamento das dores psicológicas são elementos profundamente imbricados na construção da identidade do sujeito testemunhal.

## 2. Violência e Identidade

A questão da violência em *Cimarrón* está profundamente ligada às estereotípias sociais criadas no período da escravidão em Cuba. Proença Filho (2004) traça um percurso histórico de como foram sendo criados estereótipos literários da estética branca dominante para os negros no Brasil, porém a situação da diáspora nas Américas torna possível a aproximação deste texto do autor com o caso de nossa pesquisa.

No texto em questão o autor explica que na literatura brasileira a presença do negro recebe um tratamento marginalizador e que em grande parte das manifestações literárias percebe-se uma visão da condição negra como objeto. É aqui que, segundo Proença Filho (2004, p. 161) aparecem as representações que “(...) indicam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante”.

Entre as principais representações literárias deste cunho temos a do escravo nobre, que apresenta uma “alma branca” e, por conseguinte, “boa” e por isso aceitável, a do negro infantilizado e por isso, inocente e submisso, a do escravo coisificado, que era representado com ser desprovido de alma e sentimentos, o que justificaria a escravidão e outros suplício de igual carga violenta.

Esses estereótipos literários refletem a imagem, ou o lugar que os negros deveriam ou poderiam ocupar para serem aceitos socialmente. Em *Cimarrón*, no contexto histórico da escravidão, o único lugar permitido aos negros era o de escravos, lugar esse marcado pelo elemento da violência. No entanto, Esteban não se conformava com esse papel social, e por isso foge para as montanhas, como ele mesmo diz, “(...) era preferible estar solo, regado, que en el corral ése con todo el asco y la pudrición”<sup>11</sup> (BARNET, 1977, p.26)

Porém, ao fugir para as montanhas e se ver livre do suplício dos açoites, passou a configurar um grupo de indivíduos desprezados e deslocados da possibilidade de exercer a cidadania em uma sociedade, os *cimarrones*, escravos fugitivos, pois não eram aceitos ou reconhecidos por ela, assim na obra também se verifica a violência pelo não reconhecimento/aceitação.

Durante várias passagens do livro, percebemos que o ex-escravo se auto identifica como *cimarrón de nacimiento*, escravo fugitivo de nascimento, assim, mesmo após uma tentativa

---

<sup>11</sup> Era preferível ficar sozinho que nesse curral, com toda essa repulsa e decadência.



frustrada de fuga e de ser violentamente repreendido por ela, ele não desiste da ideia de ser livre, “(...) yo siempre estaba pensando en eso, me rodeaba la cabeza y no me dejaba tranquilo; era como una idea que no se iba nunca, y a veces hasta me mortificaba”<sup>12</sup> (BARNET, Miguel, 1977, p.28).

Todavia, Esteban, ao mesmo tempo em que, pelo desejo de liberdade e rebeldia aos maus tratos que sofria, abdicava da vida em sociedade, era tomado, e isso está implícito em suas palavras, pelo sentimento de *não-pertencimento*, de não sentir-se integrante de nenhuma das comunidades que o rodeavam, uma vez que ele não aceitava nenhuma das estereotípias criadas nas quais lhe era permitido figurar.

E mesmo se identificando como *cimarrón*, como escravo fugitivo, e assumindo para si mesmo a denominação pertencente a uma comunidade com ideologias semelhantes às suas, o sentimento de *não-pertencimento* ainda não é sanado, pois Esteban não se sente acolhido nem no grupo daqueles que partilhavam da mesma situação que ele, os outros escravos fugitivos, pois não direciona a eles nenhum tipo de sentimento de coletividade ou camaradagem, uma vez que, como ele mesmo descreve, enquanto muitos viviam (sobreviviam) em grupos, ele preferia o isolamento e a desconfiança.

Após a tardia abolição da escravidão em Cuba em 1886, Esteban finalmente desce das montanhas e tenta retornar ao convívio social, uma vez que passou anos sem ter contato, sem falar com ninguém. No entanto, a apreensão, a desconfiança e o medo de ser novamente preso e escravizado o acompanham (uma vez que sabia que em muitas regiões de Cuba, apesar de abolida, a escravidão continuava), o que indica as profundas marcas que a violência sofrida deixaram no protagonista e que não puderam e nunca poderão ser apagadas ou esquecidas.

Até porque a condição social dos ex escravos após a abolição não os deixavam esquecer da experiência traumática, já que uma vez libertos ironicamente não estavam livres, continuavam escravizados pelos mesmos senhores de engenho, muitas vezes trabalhando em troca de abrigo e comida. Vivendo em condições subumanas, alguns nos mesmos barracões e senzalas nos quais foram confinados na escravidão.

A situação não havia mudado muito nesse ponto. Pois os únicos trabalhos que os negros conseguiam eram os mesmos trabalhos pesados e extenuantes realizados quando escravos. Continuavam sendo explorados pelas elites, ainda que cultuassem a falsa sensação de liberdade.

---

<sup>12</sup> Eu sempre estava pensando nisso, em rodeava a cabeça e não me deixava tranquilo; era como uma ideia que não se ia nunca, e às vezes até me mortificava.

Além da discriminação velada e também explícita, os negros recém libertos viam-se num círculo de completa impossibilidade de ascensão social. Os ex-escravos eram, neste contexto, marginalizados e desprezados pela sociedade cubana.

No se veía un negro abogado, porque decían que los negros nada más que servían para el monte. No se veía un maestro negro. Todo era para los blancos españoles. Los mismos criollos blancos eran tirados a un lado. Eso lo vide yo. Un sereno, que lo único que hacía era pasear, decir la hora y apagar la mecha, tenía que ser español. Y así era todo. No había libertad<sup>13</sup> (BANET, 1977, p.98).

Talvez por isso tenham sido tão facilmente iludidos pelos ideais da Guerra de Independência (1895-1898), que traziam imbuídos a promessa de ascensão social aos negros, que até então desprezados agora eram estrategicamente agora “necessários” à sociedade e aos interesses das elites, mas para figurar nas linhas de frentes das batalhas, é claro.

Una cosa que me levantó el ánimo fue el discurso de Maceo en Mal Tiempo. Dijo: “Ahora se trata de una guerra para la independencia. Cada soldado cuando termine cobrará treinta pesos” (...) Y fue verdad. Terminó la guerra y a mí me pagaron novecientos ochenta y dos pesos. Todo lo que Maceo decía era cierto<sup>14</sup> (BANET, 1977, p.98).

A comunidade negra, que até então ocupava um papel a parte da sociedade cubana, ou melhor, que não era considerada pertencente a essa sociedade, agora era estritamente necessária para garantir a vitória contra a dominação espanhola.

Assim que, os discursos sobre patriotismo e as promessas de recompensa financeira conseguiram convencer a comunidade negra não só a lutar no campo de batalha com também convencê-los de que *pertenciam* à sociedade cubana. Dessa forma o advento da participação de Esteban na Guerra de Independência cubana (1895–1898) pareceu representar o estopim que interioriza de vez no protagonista, um sentimento reverso ao que demonstrou apresentar durante toda sua vida, o de fraternidade e patriotismo,

---

<sup>13</sup> Não se via um advogado negro, porque diziam que os negros só serviam para o trabalho pesado. Não se via um professor negro. Tudo era para o branco espanhol. mesmo os criolos brancos eram postos de lado. Isso eu vi. Um sereno, que tudo que fazia era andar, dizer as horas e apagar a tocha tinha de ser espanhol. E isso era tudo. Não havia liberdade.

<sup>14</sup> Uma coisa que me animou foi o discurso do Maceo no Mal Tempo. Ele disse: “Agora se trata de uma guerra para a independência. Cada soldado quando terminar receberá trinta pesos” (...) E foi verdade. Terminou a guerra e me pagaram novecientos e oitenta e dois pesos. Tudo o que Maceo dizia era verdade.

(...) si los africanos no sabían a qué iban, los cubanos tampoco. La mayoría, quiero decir. Lo que sucedía era que aquí había una revolución, un salpafuera en el que todo el mundo cayó. Hasta el más pinto. La gente decía: ‘¡Cuba libre! ¡Abajo España!’. Luego decían: ‘¡viva el rey!’. ¡Qué sé yo! Aquello era el infierno. El resultado no se veía por ninguna parte. Quedaba un solo camino, y era la guerra. (BANET, 1977, p.97)<sup>15</sup>

Esses novos sentimentos interiorizados foram capazes de fazer com o que o protagonista se submetesse a outro tipo de violência, a da guerra.

Na concepção de Nação imaginada proposta por Benedict Anderson (2008), os símbolos mais impressionantes do nacionalismo são os túmulos dos soldados desconhecidos. Para ele, é do sentimento de fraternidade, de entender-se como *pertencente* a determinada comunidade, que nasce a iniciativa voluntária de lutar, matar e morrer em nome do nacionalismo.

Esse sentimento adquirido afeta drasticamente a postura do protagonista, que a partir da narração de sua participação na Guerra redefine sua identidade. Segundo Peter Wade (2008, p.119), “hablar de la identidad negra en América Latina implica hablar de la conformación del Estado-nación, pues es en relación a esto que la identidad negra usualmente se define”.<sup>16</sup>

A importância desse movimento social na construção dessa identidade assumida pelo protagonista pode ser explicada nas palavras de Jurandir Freire Costa (2003, p.109), pois para ele “A identidade surge, concomitantemente, como correlato da imagem do corpo ou dos estímulos físicos dele provenientes e como ponto de condensação dos papéis do indivíduo em sua interação social”, ou seja, a identidade está constantemente a deriva de influências do contexto social. É por isso que a violência, que está presente em todos os contextos da vida do narrador, é parte constituinte da identidade do narrador.

Moriconi (2000) fala não de identidade, mas sim de “identificações” que, segundo ele, seriam resultado de identidades cambiantes, de vivências de desidentificações. Seria o contato dos grupos que produziria esse fenômeno, o que poderia explicar também a mudança de posicionamento de Esteban em relação ao (*não*)*pertencimento*.

---

<sup>15</sup> (...) Se os africanos não sabiam por que iam, os cubanos tampouco. A maioria, quero dizer. O que acontecia era que aqui havia uma revolução, um engodo em todos caíram. Até o mais novo. As pessoas diziam: "Cuba livre! Abaixo Espanha! ". Então diziam: "Viva o rei". O que eu sabia? Aquilo era um inferno. O resultado não se via em nenhum lugar. Havia apenas um caminho, e era a guerra.

<sup>16</sup> Falar sobre a identidade negra na América Latina significa falar sobre a formação do Estado-nação, é neste contexto que a identidade negra é geralmente definida.

Essa questão da identidade mostra-se tão importante nas discussões sobre América Latina porque, como afirma Heloísa Toller Gomes (2001, p.506) “A afirmação identitária pode ser vista, não como a solução das graves questões de raça e de cidadania, mas como o indispensável ponto de partida, como o verdadeiro solo, para uma reflexão construtiva sobre o lugar das minorias numa sociedade de exclusões.”.

Esse seria o ponto primordial para a problematização da questão do papel do negro na construção da literatura latino-americana. A discussão dessa temática que, nem de longe é simplória, envolve questionamentos acerca do conceito de nação e pertencimento e do de violência, pois sem as tratativas destes tópicos que condicionam a construção da identidade, é impossível tentar observar o papel do negro na literatura latino-americana.

Essa assertiva mostra que a violência que repercute na vida do narrador do livro não representa apenas um fato isolado, uma experiência individual, e não influencia apenas a vida dele, mas também o próprio conceito de América Latina, uma vez que esse conceito, ou os vários conceitos existentes para esse termo, dependem dos sujeitos que constituem a população latino-americana.

Por ora não iremos desenvolver esse tópico, de modo que no momento cabe apenas ressaltar a dimensão das proporções da repercussão da presença da violência na experiência individual e coletiva dos sujeitos para a identidade da própria comunidade ou nação (outro termo a ser problematizado também em outro momento).

### **3. Considerações finais**

No livro *Biografía de un cimarrón*, as atitudes mais marcantes do protagonista são impulsionadas de diferentes formas pela violência. A violência está presente na vida dele em todas as fases e de diferentes formas. E a necessidade do narrador de relatar, compartilhar as experiências traumáticas vividas revela o quanto as marcas deixadas pela violência são pesadas e dolorosas.

Essa necessidade de compartilhar a dor revela ainda a (in)consciente busca por um alívio para as memórias da dor que nunca se apagam e das quais nunca se esquece.

O testemunho nesse contexto é um gênero estritamente ligado à expressão dos setores excluídos da sociedade, como uma forma das minorias, como o ex escravo narrador do livro, representarem a dor sofrida, compartilhar a experiência, o trauma vivido, fazer o acontecimento por qual passaram tornar-se conhecido pela sociedade, desfazerem-se, em parte, do peso das dores psicológicas.

Esse livro que apresenta uma forte carga emocional é, por isso, um elemento capaz de abalar emocionalmente o leitor. Obras assim são capazes de despertar as pessoas da “frieza generalizada”, do adormecimento emocional em que as sociedades se encontram, no qual a violência é considerada corriqueira, comum e banal.

Essa obra é capaz de nos retirar do ceticismo descrente e nos transportar para a reflexão crítica e conscientizada da capacidade perversa e cruel humana, que está presente tanto em catástrofes de grandes proporções como a escravidão e as guerras, como em situações individuais.

Dessa forma mesmo que os relatos testemunhais possam causar impactos emocionais, esses impactos levam as pessoas a sentir uma espécie de catarse pelo próximo, que é um sentimento em que ocorre uma identificação do leitor com a pessoa que testemunha, um sentimento de colocar-se no lugar do outro, imaginar o seu sofrimento e sentir compaixão por ele. Essa compaixão leva as pessoas à identificação e à empatia. Leva as pessoas a se tornarem melhores do que são.

As questões presentes na obra *Biografía de un cimarrón* tampouco puderam ser esgotadas nesse trabalho, cujas observações finais não são conclusões propriamente, mais se configuram, na verdade, como considerações iniciais que servirão de base para a continuidade e desenvolvimento de nossas pesquisas e trabalhos acerca deste livro.

### **Referências Bibliográficas**

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hanna. *Sobre a violência*. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARNET, Miguel. *Biografía de un cimarrón*. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1977.

CHALOTTE, Galves; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa (org). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. 3ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

COULTHARD, George Robert. A pluralidade cultural. *América Latina em sua literatura*. César Fernández Moreno, ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.39-60.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

GOMES, Heloisa Toller. Vozes em harmonia e conflito na construção da cidadania afroamericana. In: TORRES, Sonia (org.) *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=US9xpV4OjT8C&pg=PA11&lpg=PA11&dq=Ra%C3%ADzes+e+rumos+%E2%80%93+Perspectivas+interdisciplinares+em+estudos+americanos&source=bl&ots=vv2iG3EIwW&sig=TcL55cZPyyxENr5fRTXqRHDgUY&hl=ptBR&sa=X&ei=fEAYUIOsGOOR7AGc1oCoDQ&ved=0CFAQ6AEwAg#v=onepage&q=Ra%C3%ADzes%20e%20rumos%20%E2%80%93%20Perspectivas%20interdisciplinares%20em%20estudos%20americanos&f=false>> Acesso em: 08 junho 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOBBSAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução de Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia. Clínica*. Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p.45 – 57, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n1/v21n1a04.pdf>> Acesso em: 5 abril 2012.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: Testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: \_\_\_\_\_ *Políticas de la escritura en América Latina: De la colonia a la Modernidad*. Caracas: Ediciones eXcultura, 1997, p. 113-150. Disponível em <[http://www.letras.puc-rio.br/cronistas/megacidades/unidad%201/morana\\_documentalismoyficcio.pdf](http://www.letras.puc-rio.br/cronistas/megacidades/unidad%201/morana_documentalismoyficcio.pdf)> Acesso em: 18 maio 2012.

MORICONI, Italo. A outra dimensão: desidentidades. In: TORRES, Sonia (org). *Raízes e rumos – Perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=US9xpV4OjT8C&pg=PA11&lpg=PA11&dq=Ra%C3%ADzes+e+rumos+%E2%80%93+Perspectivas+interdisciplinares+em+estudos+americanos&source=bl&ots=vv2iG3EIwW&sig=TcL55cZPyyxENr5fRTXqRHDgUY&hl=ptBR&sa=X&ei=fEAYUIOsGOOR7AGc1oCoDQ&ved=0CFAQ6AEwAg#v=onepage&q=Ra%C3%ADzes%20e%20rumos%20%E2%80%93%20Perspectivas%20interdisciplinares%20em%20estudos%20americanos&f=false>> Acesso em:08 junho 2012.

NOA, Francisco. As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição. In: GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PENNA, João Camilo. “Este corpo, Esta dor, Esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano”. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org). *História, Memória, Literatura: Otestemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 299 – 354.

PEREIRA, Luciara; ESLAVA, Fernando Villarraga. *A narrativa de testemunho: um caso exemplar*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 213 - 223, jan./jul. 2008. Disponível em: <<http://br.librosintinta.in/biblioteca/ver-pdf/www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/18-A-narrativa-de-testemunho-um-caso-exemplar.pdf.htm>> Acesso em: 2 maio 2012.

POUITIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 18, nº 50, p. 161- 193, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>> Acesso em: 13 abril 2012.

SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. *A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte; UFMG, 2007

SELIGMANN – SILVA, Márcio. “O testemunho: entre a ficção e o “Real”. In: *História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.p. 375-390.

\_\_\_\_\_. “Reflexões sobre a Memória, a História e o Esquecimento.” In: *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. “‘Zeugnis’ e ‘Testimonio’: um caso de intraduzibilidade entre conceitos”. In: *Letras -Literatura e Autoritarismo*. Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, nº 22, p. 121-130, jan/junho 2001. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos\\_r22/11\\_marcio\\_silva.pdf](http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r22/11_marcio_silva.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2012.

\_\_\_\_\_. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*, São Paulo: Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. (2000). A história como trauma. In: NESTROVSKY, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.73-98.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.20, nº.1, p.65 – 82, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>> Acesso em: 05 abril 2012.

VERES, Luis. Miguel Barnet o la desacralización de la literatura indigenista. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid ,2009. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero42/mbarnet.html>> Acesso em: 6 junho 2012.

WADE, Peter. Población negra y la cuestión identitaria en América Latina. *Universitas humanística*, Bogotá, nº65, p.117-137, 2008. Disponível em: <[http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C\\_Sociales/universitas/65/wade.pdf](http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C_Sociales/universitas/65/wade.pdf)> Acesso em: 8 abril 2012.

